



## QUERO SER ESTRELA QUANDO CRESCER

**Barreto Caetano<sup>1</sup>**

Alonso nasceu bonito, apesar de cabeçudo. Pesava uns três quilos e chorava sem chorar: numa mudez discreta e rasgada, daquelas que faziam medo em quem o segurasse. Sua expressão facial nessas horas, nele, cortava sulcos, nos quais corriam uma dor de alma que, em outrem, achava-se encontrar apenas em adultos.

Aos quatro anos, já largavam-no na rua para brincar com os outros moleques. Mas, por um capricho do temperamento, ficava sempre a uns dois metros de onde a farfalha acontecia, numa sempre compenetrada brincadeira: adorava um caminhão de plástico da marca estrela. Cada aresta do veículo era olhada embasbacadamente por ele, num alheamento único.

Na escola, descobriu que tinha cor e que por isso recebia tratamento especial: alguns olhavam de rabo-de-olho, outros não tinham pudor nas caretas. Certa vez, teve a impressão que falavam dele, aos cochichos e risos pareciam ter criado um apelido que associava cheiro a tonalidade epidérmica.

Crescia sem habilidade pra bola e pra garotas. Jogava peteca que era uma beleza. Quando ganhava, revirava infinitamente os momentos em mente, num contínuo fragmentado flashback.

Seu pai achava que ele seria mais feliz se fosse mais solto, mas não falou nada, pois podia ser o jeito dele. Um dia, aliás, Alonso, vendo um talkshow, sentiu vontade de ser o entrevistador. Achava engraçado que, às vezes, tinha a impressão de que quando via uma pessoa fazer bem sua profissão, desejava fazer o mesmo. Mesmo se a atividade não fosse algo lá essas coisas...

Com a morte do pai, viu-se nu e longe de casa. Nem o seu Alquíedes levou a supressão em conta: disse que devia sair logo do barraquinho porque aluguel se paga com dinheiro.

---

<sup>1</sup> Mestrando em teoria e história literária pela UNICAMP. E-mail: paulorcaetano@yahoo.com.br



Na primeira saída, órfão também de casa, tomou uma batida da polícia e foi levado. Disseram que era gozação: “sem documento de identidade? Entra no carro!” E tomou o segundo safanão. Achou que aquilo ali duraria uns poucos dias, pois sabia, tinha certeza que aqui viera para ser estrela.

Imaginou uma moça só para passar pó em seu rosto antes de começar o bloco e entrevistar o Martinho da Vila. Na conversa, aconteceram muitas risadas: o cantor falou das datas dos shows e agradeceu pelo convite. Resplandecente, Alonso sorria ao anunciar a entrada dos comerciais.

A janta chega. Ele come no prato sujo.

Daí a algum tempo é solto. Não sabia como viver bem, mas não parecia sentir angústia. Perambulou muito. Em algumas madrugadas sentiu a dor de ser a alegria dos outros num lote vago. Não entendia porque faziam isso com ele.

Começou a andar indiferentemente. Não porque quisesse, mas não via ninguém. Sentava no meio-fio da Rua Paraná, punha o pinto pra fora, dava uma balançada, mijava e guardava de novo. Leve, sorria, sorria. Nossa! Nada como dar uma mijada boa. Percebeu que o sol se fazia brilhar no amarelo móvel. Sorriu. Sorriu de novo. Ficou nisso por infinitos minutos.

Numa vez, um grupo de pessoas tentou parar sua errância, falaram-lhe de um abrigo para andarilhos. Acha que foi com ele mesmo. Não entendeu direito, pois estava indo para um aglomerado cujo centro havia um homem que rodopiava, prometendo atirar-se numa roda em chamas.

Até que um dia, começou a ficar triste. Caiu-lhe a sensação de que poderia não ser a estrela que sempre desejou. Desde criança.

Assim ficou, por muito tempo, chorando e vagando. Copulosamente, escorreram gotas translúcidas, tristes e rápidas. Não acreditava que não se realizaria.

Até que o dia veio: era meio-dia, estava deitado num passeio quando uma menina sorrateira de uns dez anos disse: “mãe, olha só a estrela.” Alonso procurou no



céu claro, mas não viu rastro de astro. Olhou de novo para criança e essa rodopiou, desenhando no passeio uma estrela de cinco pontas com a cabeça e os membros.

Não mais que de repente, o homem velho e maltrapilho, numa disposição estranha, anda, dá cinco passos e... uma estrela! Cinco passos e uma estrela.

Anda só assim agora.

Sabe que brilha.